

Pelo Gal. Inácio José Veríssimo

A primeira condição social do homem é a de ser útil aos seus semelhantes. Útil pelo comportamento, pela capacidade criadora e pelo que de humano e de simples contém o seu coração. Mas, nem sempre esse homem é um tipo histórico; uma personalidade lembrada pela sua comunidade. Porque, para tanto, se impõe que esse homem apareça à sociedade como um providencial, um fator decisivo no progresso da nação; um elemento destacado de sua defesa, um agente distinto na sua cultura, etc...

É o caso do Tenente Antonio João, Militar de vida ignorada e humilde, mas que, num determinado instante — o instante Dourados, se faz histórico.

Por que?

Porque ali, em poucos minutos, acompanhado de 12 soldados anônimos, ele foi o representante do Brasil, o símbolo do seu brio, a afirmação de seu orgulho nacional. E pôde estabelecer, assim, de pronto, uma ligação de utilidade entre ele e a sociedade brasileira, tornando-se o homem providencial e a expressão moral, dessa sociedade, no seu sentimento de oposição ao paraguai que invadia terras da pátria.

E Euclides da Cunha?

Que fez ele para justificar esta romaria anual à memória de seu nome e de sua obra?

Fez-se também histórico?

Há algo dele na evolução política do Brasil?

Há. Porque Euclides escreveu um livro que, à semelhança dos Lusíadas, ligou a vida do autor à sua gente. Os Lusíadas por haver aparecido na hora de Portugal decadente, absorvido pela Espanha, humilhado pelo domínio estrangeiro e nesse abastardamento, buscando a fé no passado recente que aquele livro exaltava e fazia glorioso. E tornando-se, assim, um aglutinador necessário à Nação Portuguesa; um excitador de suas energias abataidas; um símbolo de suas possibilidades latentes — que a anexação espanhola subjuga mas não destruiu. E os "Sertões" tendo para a nossa sociedade um caráter de mensagem, de alerta. Porque, esse livro, avisou aos brasileiros que existe mais de um Brasil; que a sua cultura não é homogênea e que a gente que o povo, sofrendo a influência dos fatores geográficos, se modelou em tipos diversos, dispares e, até certo ponto, antagônicos.

Que é impossível deixar de levar em conta, na política do país, essas condicionais impostas pela terra e pela gente que vive nela. Que final as instituições exigem uma infraestrutura social, função de cultura e economia que forma a parte anímica delas.

Por fim há um dever, uma dívida moral, do homem da civilização para o homem da barbárie, do brasileiro da costa para o do sertão. Esse livro foi, assim, o ponto de partida de uma nova concepção política do Brasil, visto de frente, objetivo e lógico. E, por isso, um Brasil real, tangível. Cujos relevos se percebem e que era, antes de Euclides, pouco conhecido. E daí a surpresa do livro. O seu poder de contágio. A expressão cultural e política dele. E daí também o tom de revelação, de ineditismo que as suas páginas contêm.

Mas, nos "Sertões", não há apenas o mérito da comunhão entre o autor e a sociedade brasileira, o mérito de nova interpretação da nossa sociologia. Há igualmente o drama que Euclides assistiu e soube transmitir com a mesma vibração e a mesma intensidade daqueles instantes terríveis. E por isso o livro nos imana, também, à terra do sertão e nos associa aos homens que o habitam. E nos faz, insensivelmente, compreendê-los melhor e adivinhar até onde existe a nossa culpa na rudeza da vida, no primitivismo de sua cultura e até na agressividade de sua alma.

E nessa nova comunhão tomamos outra posição que é um misto de compreensão e de responsabilidade; de aprovação a Euclides e de reconhecimento dos erros que ele aponta.

E, assim, esse livro tocou o mundo brasileiro por dois aspectos distintos: Primeiro: levou a elite brasileira a se debruçar sobre o Brasil. A vê-lo frontalmente; a estudá-lo como um todo; a compreendê-lo como expressão complexa da história, de cultura, de economia, e de geografia; a senti-lo povoado por homens diversos

pela cultura, pela economia, e pelo tipo racial. E a perceber que se impõe uma nova postura filosófica na interpretação do país e, em consequência, o dever de rever os estudos sobre ele. Depois, o livro obrigou essa elite cultural a vibrar com o autor em torno do drama de Canudos. A irmanar-se às dores que ele sofreu e sentir-se comprometida nos erros que ele apontou. Mas ninguém atenderá os "Sertões" sem atender Euclides. Sem compreender o seu espírito. Sem descobrir o homem que ele foi. Sem acompanhar a sua vida. Sem levar em conta o seu temperamento triste, a sua inadaptabilidade social:

Porque nele havia este paradoxo: o social atraía o pensador mas repelia o homem. E o repelia porque Euclides não era um exotérico, um transbordante: um homem que precisasse se projetar noutros homens. Ao contrário, Euclides tinha a capacidade de viver no seu eu — no mundo das suas idéias, recolhido ao íntimo de seu coração. E isso sem a culpa desse coração, que era manso, que era capaz de todos os afetos. Mas, apenas por culpa de seu psiquismo. E, criando assim, na mesma criatura, duas personalidades opostas: uma que vive à margem da sociedade e outra que vive debruçada sobre ela, preocupada com ela, sofrendo por ela. Uma é Euclides temperamento — outra Euclides coração.

O MILITAR

Da vida de Euclides a gente pode destacar:

- O militar.
- O engenheiro
- O poeta-humanista
- O escritor

Porque aí estão os seus pontos acenturados. As etapas de seu currículo "vitae".

Vejamos primeiro Euclides da Cunha como militar.

Havia nele adaptação psíquica a essa carreira?

É fácil concluir que não. Nela Euclides se sente estranho. Mais ainda: Se sente contrafeito, em oposição a ela, às suas exigências, às restrições da disciplina, ao que de limitador ela encerra. E isso mostra que Euclides não tinha espírito militar. Era homem bravo. Era capaz de lutar em defesa de um princípio, a bem de uma idéia que lhe parecia justa. Mas sempre só.

É o que distingue o espírito guerreiro do espírito militar. Porque o primeiro existe em todo homem de brio. É a capacidade ao sacrifício. É o poder de teimar numa atitude de combate; é, em fim, a aptidão a não fraquejar diante do perigo. Mas isso no quadro individual. Como homem dono de si próprio.

O espírito militar é mais amplo. Pressupõe o sentido de grupo, uma alma de time, uma consciência de conjunto que leva a renunciar aquilo que é pessoal em benefício daquilo que é coletivo. Isto é, em alienar da gente muito do próprio, para dar ênfase aquilo que é da comunidade a que se pertence. E, por isso, no militar, a primeira condição de utilidade, de ordem funcional, é a capacidade de compreender a disciplina como elemento de coesão do instituto a que pertence e não como fator de diminuição de sua personalidade. E é essa compreensão que cria o orgulho do uniforme, a aptidão ao cerimonial da hierarquia, os privilégios da procedência e o pundonor de classe.

Por isso nenhum militar merecerá esse nome se não conseguir ver, nos homens que o precedem e nos homens que o sucedem, as diferentes funções de um organismo. Isto é, se não souber que esses homens são elos de uma cadeia, são elementos necessários ao funcionamento ordenado da comunidade em que ele se acha. E poder, assim, como um ator no palco, viver em duas pessoas: na dela e na do personagem que representa. Isto é, transfigurar-se em representante de uma função logo que essa função exija a sua presença, sem deixar de ser, fora dela, ele mesmo.

Ora, em Euclides não havia essa capacidade. As suas cartas estão cheias de confissões sinceras de seu mal estar como militar. A espada lhe cai mal. O fardamento lhe tira a naturalidade. A disciplina, os exercícios, as obrigações regulamentares o constroem. Mas, afinal, por que Euclides — penetra na Escola Militar, e uma vez expulso dela, volta para terminar o curso?

Eu creio que a explicação foi dada por Umberto Peregrino — nos mostrando, os

dois grandes equívocos de Euclides.

— o que o faz deixar a Escola Politécnica e entrar para Escola Militar.

— e por fim o que o faz, na euforia da Proclamação da República, voltar àquela Escola.

Porque, diz Umberto Peregrino — "Euclides se lançou à Escola da Praia Vermelha não como estudante de engenharia, nem como militar, mas como poeta, como sonhador, como que tocado pelo prestígio acadêmico da Velha Escola". Foi o idealista já interessado no movimento republicano que se aproximou do centro irradiador de suas idéias. E por isso a Escola não era o vestibulo de uma vocação ou sequer de uma carreira. Era o Templo de sua deusa, onde um conjunto de crentes vivificavam, com entusiasmo, o fogo da mesma fé.

Mas — começa aí o primeiro equívoco de Euclides. Lá não estava só o ideal, a idéia renovadora, o foco da ressurreição nacional. Lá estavam também as regras disciplinares, o sentido de classe, a alma de colmeia, cousas aversas a ele, em conflito com o seu individualismo, em choque com o seu temperamento afirmativo, que o fazia um inadaptável. Porque, na realidade, Euclides era indiviso. Não podia viver repartido em graus de hierarquia e de restrições. Isto é de alienar algo de si em benefício das necessidades da comunidade militar.

Umberto Peregrino — observa que Euclides da Cunha era um disléptico. E que, talvez, essa dislexia explique, em muito, a sua irritabilidade, o seu mau humor, a tendência ao isolamento, e a ausência dele a todas as tertúlias, às escaladas ao Pão de Açúcar, às noites de serenata, às reuniões da Sociedade Acadêmica, ao riso e à alegria da mocidade que o cercava. E talvez, por isso, anotá ainda Umberto Peregrino, os seus colegas de turma, como Tasso Fragoso, como Rondon, como Moreira Guimarães — não tinham guardado dele senão, três ou quatro traços mais salientes: o arreado, o estudioso, o calado, o irascível.

O segundo equívoco de Euclides é a sua volta para o exército, logo após a vitória da revolução republicana. Porque voltar à farda era, naquele instante, o recurso do cruzado e não a vocação de um profissional. Do cruzado que descobria no Exército, naquela hora incerta da República, o guardião de sua fé e o instrumento de ação de sua ideologia. E ele se enfeitava por essa posição ideológica sem preocupações utilitárias. E é arrebatado pelo ambiente, pela embriaguez da vitória, pelo que de contagioso e perturbador havia nela. E daí (como observa Umberto Peregrino) novo equívoco de Euclides. Permanece no Exército de 19 de novembro de 1889 a 13 de julho de 1896 e nesses poucos anos — gasta dois terminando o curso; passa um mês como coadjuvante de ensino da Escola Militar; dois meses praticando na Estrada de Ferro Central do Brasil; quatro meses em serviço de construção das fortificações no litoral da cidade durante a revolução da Armada; quinze meses em Minas (Campanha) construindo um quartel e um ano, como agregado (em virtude de seu estado de saúde). E por fim é reformado por ter sido julgado, na inspeção de saúde, incapaz para o serviço do Exército.

Como vemos, nada o fixou no Exército. Nem foi coadjuvante de ensino; nem adquiriu prática suficiente na Central do Brasil; nem se demorou nos trabalhos de defesa da cidade.

Mas, curioso é assinalar que nesse homem, no qual faltavam as qualidades mínimas para se integrar à carreira das armas e cujo feitiço moral e condicionais psíquicas faziam um avesso à disciplina de grupo e ao coletivo das exigências de quartel, houvesse, em alto grau, o senso de historiador militar. Isto é, de interpretador das causas que explicam as operações militares; do analista que estuda a influência do terreno sobre elas; do comentador que descobre as servidões impostas pelo aprovisionamento, e o influxo da ação dos chefes, e da disciplina da tropa e de sua moral, de sua instrução, do grau de adaptabilidade da sua organização ao tipo da luta, etc. E isso se descobre em inúmeras páginas do "Sertões" e mesmo no resto de sua obra — no estudo sobre a ilha de Martin Garcia, sobre o Kaiser, sobre os Caucheiros, etc. E, por que, esse aparente paradoxo?

Apenas, porque, no historiador militar, está o pensador que era Euclides. A inte-

ligência inclinada à pesquisa sociológica e a investigação das causas que explicam o fato político. E em Canudos existe um complexo de fatores sociais e políticos. Existe a geografia que impõe uma acomodação especial às operações; existe um homem, o jagunço, que possui um tipo de cultura afeto à terra e capaz, pela adaptação a ela, de explorá-la ao máximo, de ajustar-se às suas asperezas, de tirar partido de sua singularidade. Há problemas de transporte, de comunicações, de reabastecimento, que modificam as regras rígidas das operações clássicas. Há, por fim, os conceitos de vida de dois grupos humanos que ali se encontram e representam duas civilizações, dois estágios de cultura, duas consequências sociais.

E para observar tudo isso Euclides está bem colocado. Há nele o pensador político, o sociólogo, o poeta e humanista. E assim, há nele, em síntese, todas as qualidades intelectuais que permitem compreender naquela luta, as saliências mais características dela — e revelá-las a todos nós, naquele livro admirável que é os "Sertões". E são essas qualidades que fazem de Euclides um historiador militar e que levaram o Ten. Cel. Umberto Peregrino, em estudo original e erudito, a destacar, da personalidade de Euclides, esse aspecto singular. Aspecto que parece paradoxal; que dá a impressão de estar em oposição, em conflito, com o militar frustrado que Euclides foi — mas é, na realidade, mais uma prova de que nele vivia um pensador puro. Um pensador procurando a quem faltava espírito prático — para se acomodar à realidade econômica da vida — mas que possuía, em grau elevado, o poder de descobrir nos homens e nas cousas, os impulsos mais recônditos e as cousas mais imperceptíveis. E ser assim um analista militar, um crítico histórico militar, embora, em conflito com a própria profissão militar.

(Continua no próximo número)

— (O O) —